



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISTO
E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

MARIANA DE ALMEIDA MEDINA

ENTREARTES:

Uma proposta de mediação acessível e multissensorial

Brasília

2019

Mariana de Almeida Medina

ENTREARTES:

Uma proposta de mediação acessível e multissensorial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau no curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata

Brasília

2019

Mariana de Almeida Medina

ENTREARTES:

Uma proposta de mediação acessível e multissensorial

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado pelo Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau no curso de bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Brasília, 06 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Helena Santiago Vigata (UnB)

Orientadora

Prof. Me. Anderson Tavares Correia Silva (UniCEUB)

Examinador

Prof.^a Dr.^a Patrícia Tuxi dos Santos (UnB)

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente à minha família que me apoiou e continua a me apoiar em meus estudos sempre com suporte e encorajamentos incondicionais. Em especial, agradeço aos meus afilhados Benjamin, Eloise e Yasmin por serem raios de sol e alegria nos meus dias mais difíceis.

Aos meus amigos do bairro que tornaram a vida universitária indiscutivelmente marcante e rica de memórias e aprendizados. Muito obrigada por todas as revisões de texto e encontro de estudos, bem como os rolês flopados e não flopados.

À minha orientadora, Helena Santiago Vigata, por ser uma inspiração e abraçar o Entreates desde seu início. À você dedico todo sucesso e portas abertas a partir deste lindo projeto que não teria sido realizado sem sua garra, determinação e empenho.

Minha sincera gratidão à professora Patrícia Tuxi por ver em mim um potencial que nem eu enxergava. Agradeço por ter me apresentado oportunidades de aprendizado onde pude crescer acadêmica e pessoalmente.

Agradeço aos colegas e parceiros que ajudaram a tornar o Entreates uma realidade. A esta universidade que oportunizou tantas experiências de desenvolvimento profissional e acadêmico, agradeço o suporte. A todo corpo docente, discente e administrativo que direta ou indiretamente colaboraram com minha formação acadêmica.

Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma que com muito esforço e dedicação se esforçou por este momento de conclusão acadêmica.

RESUMO

A acessibilidade no meio cultural vem ganhando cada vez mais visibilidade. Museus no Brasil e no mundo estão adotando iniciativas de acessibilidade e investindo em recursos acessíveis. Contudo, o princípio do Desenho Universal expande o conceito de arte acessível, pois visa a idealização de projetos que desde o início pensam em diferentes públicos, sem a necessidade de adaptações posteriores. Neste trabalho exploramos a proposta da visita mediada como uma forma de proporcionar uma experiência cultural mais significativa e acessível a públicos com diversidade funcional inserida no contexto do projeto *Entreartes: uma exposição multissensorial*. A concepção do projeto teve a acessibilidade e inclusão como pauta, visando atender todos públicos. A multissensorialidade foi um recurso usado como meio acessibilizador das obras através de interação com as mesmas e/ou com objetos mediadores multissensoriais. A mediação foi tratada como uma ponte entre o visitante e as obras, com o objetivo de fomentar reflexões sobre os temas trabalhados na exposição. As visitas realizadas e relatadas no presente trabalho refletiram o impacto da interação e da mediação na construção de conhecimento em um momento de conscientização e aprendizado através da arte. Por fim, esperamos que mais projetos culturais explorem a possibilidade da multissensorialidade como forma de acessibilidade, bem como a mediação como veículo de conscientização sobre o tema.

Palavras-chave: Acessibilidade. Exposição. Mediação. Multissensorialidade. Arte.

ABSTRACT

Accessibility in the cultural environment is gaining more and more visibility. Museums in Brazil and around the world are taking on accessibility initiatives and investing in accessible resources. However, the principle of Universal Design expands the concept of accessible art, since it aims at the idealization of projects that from the beginning think of different audiences, without the need for later adaptations. In this paper, we explore the proposal of mediated visits as a way to provide a more meaningful cultural accessible experience to audiences with functional diversity within the context of the project *Entreartes: a multi-sensory exhibition*. The project's conception had accessibility and inclusion as an agenda, aiming to reach all audiences. Multisensoriality was a resource used as a way to make pieces accessible through interaction with them and / or with multi-sensory mediator objects. The mediation was treated as a bridge between the visitor and the works, with the aim of fostering reflections on the themes shown in the exhibition. The visits made and reported in the present work reflected the impact of interaction and mediation in the construction of knowledge in a moment of awareness and learning through art. Finally, we hope that more cultural projects will explore the possibility of multisensoriality as a form of accessibility, as well as mediation as a vehicle for raising awareness about the theme.

Keywords: Accessibility. Exhibition. Mediation. Multisensoriality. Art.

RÉSUMÉ

L'accessibilité dans l'environnement culturel gagne de plus en plus de visibilité. Les musées du Brésil et du monde adoptent des initiatives d'accessibilité et investissent dans des ressources accessibles. Cependant, le principe de Conception Universelle élargit le concept d'art accessible, car il vise l'idéalisation de projets qui, dès le début, pensent à des publics différents, sans qu'il soit nécessaire de les adapter ultérieurement. Dans cet article, nous explorons la proposition de la visite médiatisée en tant que moyen de fournir une expérience culturelle plus significative et accessible au public avec diversité fonctionnelle dans le contexte du projet *Entreartes: une exposition multisensorielle*. La conception du projet avait pour objectif l'accessibilité et l'inclusion, et visait à servir tous les publics. La multisensorialité était une ressource utilisée pour rendre les œuvres accessibles par une interaction avec elles-mêmes et / ou avec des objets médiateurs multisensoriels. La médiation a été traitée comme un pont entre le visiteur et les œuvres, dans le but de susciter une réflexion sur les thèmes abordés dans l'exposition. Les visites effectuées et rapportées dans le présent travail ont reflété l'impact de l'interaction et de la médiation sur la construction du savoir à un moment de prise de conscience et d'apprentissage par le biais de l'art. Enfin, nous espérons que davantage de projets culturels exploreront la possibilité de la multisensorialité en tant que forme d'accessibilité, ainsi que la médiation en tant que vecteur de sensibilisation à ce thème.

Mots-clés: Accessibilité. Exposition. Médiation. Multisensorialité. Art.

RESUMÉN

La accesibilidad en el entorno cultural está ganando cada vez más visibilidad. Los museos en Brasil y en todo el mundo están tomando iniciativas de accesibilidad e invirtiendo en recursos accesibles. Sin embargo, el principio de Diseño Universal amplía el concepto de arte accesible, ya que apunta a la idealización de proyectos que desde el principio piensan en audiencias diferentes, sin la necesidad de adaptaciones posteriores. En este artículo exploramos la propuesta de la visita mediada como una forma de proporcionar una experiencia cultural más significativa y accesible para audiencias con diversidad funcional dentro del contexto del proyecto *Entreartes: una exposición multisensorial*. La concepción del proyecto tenía la accesibilidad y la inclusión como una pauta, con el objetivo de servir a todos los públicos. La multisensorialidad fue un recurso utilizado como un medio para hacer accesibles los trabajos a través de la interacción con ellos y/o con objetos mediadores multisensoriales. La mediación fue tratada como un puente entre el visitante y las obras, con el objetivo de fomentar reflexiones sobre los temas discutidos en la exposición. Las visitas realizadas e informadas en este trabajo reflejan el impacto de la interacción y la mediación en la construcción del conocimiento en un momento de conciencia y aprendizaje a través del arte. Finalmente, esperamos que más proyectos culturales exploren la posibilidad de la multisensorialidad como una forma de accesibilidad, así como la mediación como un vehículo para crear conciencia sobre el tema.

Palabras clave: Accesibilidad. Exposición Mediación. Multisensorialidad. Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Spectrum de envolvimento do público	21
Figura 2 - Esquema sobre relações entre visitante, objeto mediador e peça da exposição	22
Figura 3 - Quadro “Snuggles”, de John Bramblitt	27
Figura 4 - Cerâmica “Fruteira”, de Martha Guedes	28
Figura 5 - Peça “Aracnofobia”, de Flávio Luis da Silva	29
Figura 6 - Foto “Coração”, de Luciano Ambrósio	30
Figura 7 - Objeto sinestésico da foto “Coração” de Luciano Ambrósio	31
Figura 8 - Cerâmica “Prato com lua”, de Marta Guedes.....	32
Figura 9 - Instalação na galeria com projeção de foto “Ao meu lago”, de Luciano Ambrosio	34
Figura 10 - Foto de peças feitas por alguns dos visitantes da APADA DF durante visita mediada.....	39
Figura 11 - Escultura “Moicano”, de Flávio Luis da Silva	41
Figura 12 - Foto de aluna do CEEDV com suas esculturas de argila.....	45
Figura 13 - Foto de aluna do CEEDV interagindo com obra.....	46
Figura 14 - Foto de jovens do PROEJA do IFB confeccionando desenhos e colagens.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONCEITOS-CHAVE	13
2.1 ACESSIBILIDADE	13
2.1.1 Acessibilidade na cultura	15
2.1.2 O multissensorial como recurso de acessibilidade	16
2.1.3 Acessibilidade em museus no Brasil e no mundo	17
2.1.4 Acessibilidade: exclusão ou inclusão	19
2.2 A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO NA EXPERIÊNCIA ACESSÍVEL	20
2.2.1 O que é mediação?	21
2.2.2 Mediação e acessibilidade	23
3 ENTREARTES: UMA EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL E ACESSÍVEL	26
3.1 PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO	26
3.2 ARTISTAS E OBRAS	27
3.3 MULTISSENSORIALIDADE NO ENTREARTES	31
3.4 MEDIAÇÃO NO ENTREARTES	33
4 VISITAS E VISITANTES	36
4.1 ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES AUDITIVOS DO DISTRITO FEDERAL (APADA/DF)	37
4.1.1 Como a mediação foi estruturada?	38
4.1.2 Interação do grupo	39
4.1.3 O que podemos tirar desta visita?	41
4.2 CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE DEFICIENTES VISUAIS (CEEDV)	42
4.2.1 Como a mediação foi estruturada?	43
4.2.2 Interação do grupo	45
4.2.3 O que podemos tirar desta visita?	47

	10
4.3 INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB)	47
4.3.1 Como a mediação foi estruturada?	47
4.3.2 Interação do grupo	48
4.3.3 O que podemos tirar desta visita?	49
4.4 INTERAÇÕES COM PÚBLICO FORA DA MEDIAÇÃO	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais, o tema de acessibilidade surge em meio a discussões das mais diversas áreas. Desde a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida” essa discussão passou a ser ainda mais necessária. Dessarte, a lei torna obrigatória a disponibilização da acessibilidade em ambientes variados como nunca antes, incitando uma propulsão na produção de conteúdo acessível. No ambiente cultural a lei evidenciou problemas na acessibilidade, sendo o maior deles: por onde começar? Produtores que estão acostumados a pensar somente em um público agora tinham que descobrir formas de tornar seus projetos acessíveis para um grupo que até então não era muito pensado: as pessoas com deficiência.

Eram propagadas noções equivocadas sobre as pessoas com deficiência como público. Ideias de que este não seria um público grande suficiente para justificar o custo de acessibilidade, logo não havendo demanda não há necessidade de atendê-la, além da insensata concepção de que as próprias pessoas com deficiência deveriam resolver entre si como lidar com as barreiras apresentadas pelo ambiente. Por muito tempo a responsabilidade sobre a acessibilidade estava nas mãos da própria pessoa com deficiência. Se uma pessoa cega fosse ao cinema, seu amigo era quem sussurrava o que se passava na tela, mas não alto demais para não perturbar as pessoas ao lado. Se a pessoa surda fosse a uma palestra, era sua responsabilidade providenciar um intérprete. Um cadeirante foi a um show, mas não é atribuição da produção pensar se o camarote se encontra no segundo andar e não há elevador. Por muito tempo, vivemos nessa cultura de isenção de culpa onde pensamos em alguns e não em todos.

Parece um desafio impraticável pensar em acessibilidade para todas as pessoas. Logo, surgem as dúvidas de como fazer algo tão ambicioso. Não é fácil, porém não é impossível. Não se trata de separar e fazer uma versão do projeto para cada parcela do público, mas um projeto pensado desde o início para ser usufruído por todos.

A acessibilidade é um direito da pessoa com diversidade funcional, mas só garantir esse direito mediante recursos pensados de última hora e disponibilizados

de forma duvidosa porque “foi o que deu de fazer” não é suficiente. No *Entreartes: uma exposição multissensorial*, projeto cultural realizado pelo grupo de pesquisa e extensão Acesso Livre, da Universidade de Brasília e do qual este trabalho foi parte, exploramos a possibilidade de trazer a acessibilidade como um conceito em conjunto à exposição, não um recurso alheio adicionado a posteriori. Se trata da acessibilidade vista junto à arte.

Tendo esta lacuna de conteúdo sobre produções culturais acessíveis em mente, além da demanda por esse conhecimento exigida pela lei, temos como objetivo relatar no presente trabalho alguns aspectos envolvidos na execução de uma exposição pensada para ser acessível desde seu início, tendo como conceito acessibilizador a multissensorialidade.

Nas páginas a seguir comentaremos o antes, o durante e o depois de visitas mediadas à exposição realizadas pelo grupo Acesso Livre da Universidade de Brasília para diferentes grupos com diversidade funcional e analisaremos de que forma esses grupos de visitantes interagiram com os vários recursos pensados para a exposição. Para isso foram feitos registros dessas interações de forma escrita e audiovisual, além de feitas observações in loco a fim de dar luz a um ponto de vista que desde o início foi importante para nós: o do visitante. O formato de visitas mediadas e não visitas guiadas foi em razão do objetivo das visitas. A finalidade foi de prover aos visitantes uma experiência cultural mais significativa, provocando reflexões que pudessem levar para a vida e criar um diálogo e espaço de discussão para a acessibilidade nas artes.

2 CONCEITOS-CHAVE

Para compreender as visitas mediadas e seu papel em conjunto ao *Entreartes* é necessário o estabelecimento de alguns conceitos essenciais que permeiam a narrativa do projeto. A acessibilidade, a multissensorialidade e a mediação são três pilares que sustentam a proposta apresentada. Sendo assim, a seguir debateremos acerca do conceito do termo acessibilidade e o papel da multissensorialidade quando trabalhada em conjunto à acessibilidade. Ademais, apresentaremos iniciativas acessíveis no Brasil e no mundo. Também veremos sobre a função da mediação na experiência museal e como esta pode agregar demasiado quando trabalhada em conjunto à recursos de acessibilidade.

2.1 ACESSIBILIDADE

Quando falamos em acessibilidade, o instinto por muitos anos nos fez lembrar do piso tátil, das rampas de acesso, cães-guia, entre outros elementos mais comuns no cotidiano. Esses são elementos cujo objetivo é tornar o ambiente acessível a pessoas com deficiência. Porém, o termo é mais abrangente que isso.

No Brasil, o reconhecimento sobre o que é acessibilidade e a quem ela serve vêm ao longo dos anos tomando forma. A legislação brasileira, através do Decreto nº 5.296, de 2004, define acessibilidade como:

Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004)

Esta definição, apesar de trazer luz ao direito da pessoa com deficiência ao acesso a aspectos físicos e não-físicos, ainda se utiliza da nomenclatura hoje em dia desusada de pessoa “portadora de deficiência”. O Decreto nº 6.949/2009 promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aderindo à legislação brasileira uma definição legal de “pessoa com deficiência”. O termo, utilizado internacionalmente, foi aderido oficialmente através da Portaria da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República nº 2.344, de 3 de novembro de 2010.

Um marco na trajetória no Brasil foi a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Contudo, quando limitamos essa

iniciativas sobre a autonomia de “espaços físicos e não-físicos” a pessoas com deficiência, não abarcamos todo o potencial da acessibilidade (DIAS, 2019).

O Decreto nº 5.296, aprovado em 2004, apresenta definições e informações técnicas sobre as diferentes “deficiências”, sendo elas: física, auditiva, visual, intelectual e múltipla. Contudo, todos conceitos e parâmetros para deficiência apresentados dão ênfase ao que “falta” ou que resulta em um desempenho “menor” do indivíduo em relação à maioria da população. Esse enfoque traz uma conotação negativa ao termo “deficiência”, o que gera estigma e separação sobre a pessoa com deficiência em relação à sociedade.

A associação da deficiência a termos negativos não é um caso exclusivo ao Brasil. Romañach e Lobato relatam como textos jurídicos da Espanha persistem em usar termos como “incapacidade”, “invalidez”, “desvantagem” e “dependência” (ROMAÑACH; LOBATO, 2005, p. 2, tradução nossa)¹. Ao falar sobre esta relação de alienação e negatividade agregados pelas palavras associadas à deficiência, os autores propõem o uso do termo “diversidade funcional”.

A propor do termo, os autores relatam como as pessoas com deficiência realizam as mesmas atividades que todos, mas de maneiras diferentes. Por exemplo, uma pessoa com lesão medular utiliza cadeira de rodas para se locomover, mas outra pessoa utiliza as pernas. Ambas realizam a mesma função, locomoção, mas de maneiras distintas. Além disso, outros grupos que igualmente necessitam de acessibilidade seriam incluídos na nova terminologia. Esse é o caso, por exemplo, de pessoas idosas que possuem mobilidade reduzida.

Logo, diversidade funcional é um termo mais apropriado a ser utilizado. A justificativa se dá pelo foco do novo termo sobre a diversidade com a qual as pessoas funcionam no ambiente, além da inclusão de outros grupos que necessitam de acessibilidade a curto e longo prazo, mas não se identificam como “pessoa com deficiência”. Dessa forma, o termo “diversidade funcional” será adotado no presente trabalho.

Duarte e Cohen (2004, 2007) resumizam o princípio da acessibilidade como uma “porta que dá entrada à equiparação de oportunidades” através de “medidas

¹ Do espanhol: “discapacidad”, “minusvalía”, “incapacidad”, “invalidez”, “inutilidad”. (ROMAÑACH; LOBATO, 2005, p. 2)

técnico-sociais destinadas a garantir o acolhimento de todos os usuários em potencial” (apud COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012, p. 40).

Em síntese, a acessibilidade é um sistema de medidas cujo objetivo é que todos indivíduos possam ter acesso ao espaço, informação ou experiência, eliminando possíveis barreiras físicas, sensoriais e cognitivas.

2.1.1 Acessibilidade na cultura

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948, reconhece, através do artigo 27, o direito de todo ser humano a “participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes”.

O reconhecimento da cultura como direito no país se mostra através do artigo 215 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que estabelece que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 2019).

Sendo assim, a cultura é um direito e deve poder ser usufruída por todos. Logo, a acessibilidade é essencial ao acesso democrático à cultura. Uma vez estabelecido o direito à acessibilidade na cultura, é necessário o estabelecimento de práticas e técnicas para que essa acessibilidade tome forma.

A acessibilidade espacial do ambiente cultural pode ser pensada de forma mais objetiva por se tratar de um espaço físico onde os obstáculos apresentados a uma pessoa com mobilidade reduzida ou dificuldade de locomoção possam ser previstos e testados, havendo já manuais e técnicas que estabelecem parâmetros. No Brasil, a Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) publicou a norma técnica 9050, onde regulamenta acerca da “Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

Todavia, a arte em si é subjetiva, o que significa que o recurso ou recursos a serem utilizados a fim de torná-la acessível necessitam transparecer e transmitir essa subjetividade. Este é um dos desafios dos museus: tornar a arte acessível a

todos e ainda assim mantê-la, uma experiência pessoal do visitante. As medidas e recursos a serem adotados são discussões em desenvolvimento e singulares a cada projeto, pois cada um apresenta diferentes desafios e possibilidades. Ou seja, os desafios sobre a acessibilização de um acervo serão diferentes para um museu de música, um museu de esculturas, um museu de pinturas e assim por diante.

2.1.2 O multissensorial como recurso de acessibilidade

A acessibilidade tem como princípio o livre acesso a todas as pessoas. Quando tratando de arte, a interpretação e significado dado a ela é singular de cada pessoa. Seguindo essa linha de pensamento, a forma de acesso que essa pessoa terá a determinada obra, performance ou vivência, por exemplo, também deverá permitir liberdade de interpretação. Um meio de tornar projetos acessíveis e manter a subjetividade da interpretação aberta ao visitante é a multissensorialidade.

Podemos definir a multissensorialidade como a possibilidade de engajamento de mais de um sentido em uma mesma experiência. Em outras palavras, uma experiência multissensorial é uma onde é possível ouvir, tocar, cheirar, degustar e/ou ver ao mesmo tempo.

Quando comemos nosso prato de comida favorito não o experienciamos somente com um dos sentidos. É possível sentir seu cheiro agradável, ver sua bela apresentação e sentir seu gosto. Culinária é uma experiência multissensorial, pois engaja mais de um sentido ao mesmo tempo e permite à pessoa ter a mesma experiência (consumir seu prato favorito) de formas diferentes (olfato, visão e paladar). Portanto, se a pessoa possui alguma diversidade sensorial que a impede de ter acesso a algum desses sentidos, ainda é possível ter acesso à experiência pelos demais.

Engajar mais de um sentido na experiência cultural pode trazer benefícios ao campo da acessibilidade. A adaptação de qualquer obra através de audiodescrições ou versões táteis, por exemplo, são em si interpretações do original. Ou seja, a pessoa tem acesso à obra através de uma descrição dos aspectos visuais da peça, ou por uma réplica que permita manuseio. No entanto, se deixadas isoladas, sem qualquer outro contato com o original, isso pode significar perdas na experiência estética do visitante. Audiodescrições são delimitadas pela percepção do

audiodescritor sobre a obra e versões táteis não transmitem os nuances das cores, texturas e sensações passadas pelo original.

Por outro lado, se trabalhadas em conjunto com a obra original e outros recursos que permitam a esse visitante acesso à obra de diversas formas, essas informações se complementam e apresentam um conceito mais dinâmico sobre a peça.

2.1.3 Acessibilidade em museus no Brasil e no mundo

Para entender e pensar em uma proposta de arte acessível é necessário ter contato e conhecer outras propostas com o mesmo objetivo. Hoje em dia são alguns os projetos e iniciativas que exploram diversas formas de acessibilidade da arte no Brasil e no mundo. É através dessas iniciativas que é possível estabelecer precedentes para futuros projetos. A seguir, apresentamos exemplos de iniciativas que exploram diferentes formas de acessibilidade, algumas das quais recorrem à multissensorialidade e serviram de inspiração ao o presente trabalho.

Neves (2012) explicita algumas iniciativas que exploram experiências multissensoriais como meio de acessibilização para pessoas com deficiência visual. A primeira delas se refere a exposições e museus voltados especialmente a esse público, como o Museo Anteros em Bologna, na Itália e o Museo Tifológico de la ONCE², em Madri, na Espanha. Ambos são museus táteis voltados ao público cego. O museu Anteros possui um acervo de 40 modelos em gesso de pinturas renomadas, já o museu Tifológico possui maquetes de monumentos arquitetônicos, obras plásticas de artistas com deficiência visual e exposição de material tifológico (tiflogia: tratado a respeito da instrução dos cegos³). Outra forma de tornar a arte acessível a esse público são *tours* especiais onde os visitantes podem tocar nas obras em caráter excepcional, como no Victoria and Albert Museum, em Londres. Por último, a autora lista a utilização de audioguias específicos para pessoas com deficiência visual, como no Winston Churchill Museum, em Londres, contendo descrições feitas com esse público em mente.

² ONCE se refere à *Organización Nacional de Ciegos de España*.

³ TIFLOGIA. In: **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tiflogia/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

O Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova Iorque, “oferece uma variedade de serviços e programas que garantam a acessibilidade aos espaços do museu” (COHEN et al, 2012, p. 58), chegando a ganhar em 2000 o prêmio de inovação do acesso nas artes oferecido pelo Very Special Arts (VSA) e pela Metropolitan Life Foundation. Outro museu em Nova Iorque em cuja agenda consta acessibilidade é a do museu Metropolitan. O espaço possui recursos com objetivo de acolher pessoas com diversidades funcionais, como “telefones públicos com tecnologia específica” e materiais em braille ou letra ampliada, entre outros (COHEN et al, 2012, p. 59).

O Museu de Ciência Natural, em Houston nos Estados Unidos, disponibiliza vídeos com sistemas de amplificação de som e de legenda oculta⁴ para filmes do Planetário (COHEN et al, 2012, p. 61). O British Museum oferece audioguias e permite visitas táteis excepcionais, como as citadas por Neves (2012), assim como dispõe de folhetos e *folders* em braille. Além disso o museu organiza um evento musical com língua de sinais mensalmente (COHEN et al, 2012, p. 63).

No Brasil, o movimento da acessibilidade vem tomando cada vez mais espaço. Uma instituição que se mostra pioneira sobre o tema é o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), tendo várias unidades pelo país. O CCBB localizado no Rio de Janeiro já produziu apresentações teatrais com audiodescrição, possuindo um projeto voltado a “ações para melhoria da acessibilidade” com o intuito de fomentar o “acesso amplo e irrestrito do acervo ali composto” (COHEN et al, 2012, p. 70). A instituição como um todo encoraja o aprendizado da língua de sinais por seus funcionários. Além disso, o CCBB de Brasília desenvolve há certo tempo iniciativas acessíveis. Exibições de filmes audiodescritos e com legenda descritiva⁵ tomaram lugar em sessões de cinema acessível no espaço. Além disso, o CCBB também oferece regularmente visitas mediadas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), promovendo assim a visitação do público surdo e ensurdecido (CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 2019).

⁴ Legenda oculta, também chamada *Closed Caption*, são legendas com a transcrição dos diálogos em cena.

⁵ Legenda descritiva ou legenda para surdos e ensurdecidos, além da transcrição dos diálogos, pode conter informações adicionais como identificação de falantes, efeitos sonoros, descrição de música e emoções perceptíveis por modulação da voz (NEVES, 2007)

2.1.4 Acessibilidade: exclusão ou inclusão

Os recursos de acessibilidade criados e desenvolvidos ao longo dos anos, como visitas táteis, audioguias e visitas em língua de sinais, são formas de tornar o ambiente cultural mais acessível. Porém, à medida que avançamos na direção da acessibilidade, a inclusão deve ser pensada paralelamente. É comum as visitas para pessoas com diversidade funcional serem exclusivas e em horários em que o museu está fechado ou com mínimo de movimento. Kleege e d'Evie (2018) sugerem que as visitas táteis, por exemplo, se dão em momentos de menor ou nenhuma circulação por receio por parte dos museus de que os demais visitantes também queiram tocar nas obras. Os museus procuram com isso preservar seu acervo. Sem embargo, são cenários como esse que nos mostram uma oportunidade para aperfeiçoamento dessas iniciativas a fim de tornar a experiência do visitante mais proveitosa e inclusiva.

As visitas separadas e os recursos exclusivos a pessoas com diversidade funcional, apesar de acessibilizar o ambiente, forçam uma cultura de exclusão. Como resultado essas pessoas são pensadas de forma separada do restante da população. Por isso, é necessário ampliar os horizontes, pensando nas pessoas com diversidade funcional e nos recursos de acessibilidade incluídos no ambiente cultural.

A legenda oculta, a audiodescrição⁶ e a janela de Libras⁷ são alguns recursos de acessibilização disponíveis. Porém, geralmente são pensados depois de toda concepção do projeto. Ou seja, só depois de finalizado o projeto que isso é passado a um profissional que fará a adaptação necessária. Dessa forma, esses recursos se transformam em elementos estranhos àquele projeto e contribuem para a ideia de que para ser acessível é preciso ser separado. Esses métodos “tradicionais” de acessibilidade cumprem sua função, mas podem ser integrados aos projeto cultural de maneira mais natural. Assim, todas as pessoas podem aproveitar as experiências ao mesmo tempo.

⁶ Audiodescrição é a “locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens.” (NAVES *et al.*, 2016, p. 15)

⁷ Janela de Libras é “tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais” exibida em um “quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela, exibido simultaneamente à programação” (NAVES *et al.*, 2016, p.16)

Um conceito que começa a ser atrelado cada vez mais à acessibilidade é o de “Desenho Universal”. O termo *universal design* começou a ser utilizado em 1985 por Ron Mace e desde então é aderido ao meio da acessibilidade como “arquitetura inclusiva, desenho inclusivo e projeto inclusivo”, mas sempre seguindo os princípios do Desenho Universal (COHEN *et al.*, 2012, p. 41).

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência interpreta o Desenho Universal como a concepção de um projeto a ser usado “até onde for possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico” (BRASIL, 2009). Seguindo uma linha similar de pensamento, a Associação Brasileira de Normas e Técnicas apresenta Desenho Universal como “aquele que visa a atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população” (ABNT, 2004). Sendo assim, um projeto acessível e inclusivo seria pensado desde sua concepção. Neste caso, a acessibilidade é vista desde antes do “ponto de partida” e desenvolvida em conjunto com as ideias e propostas do projeto.

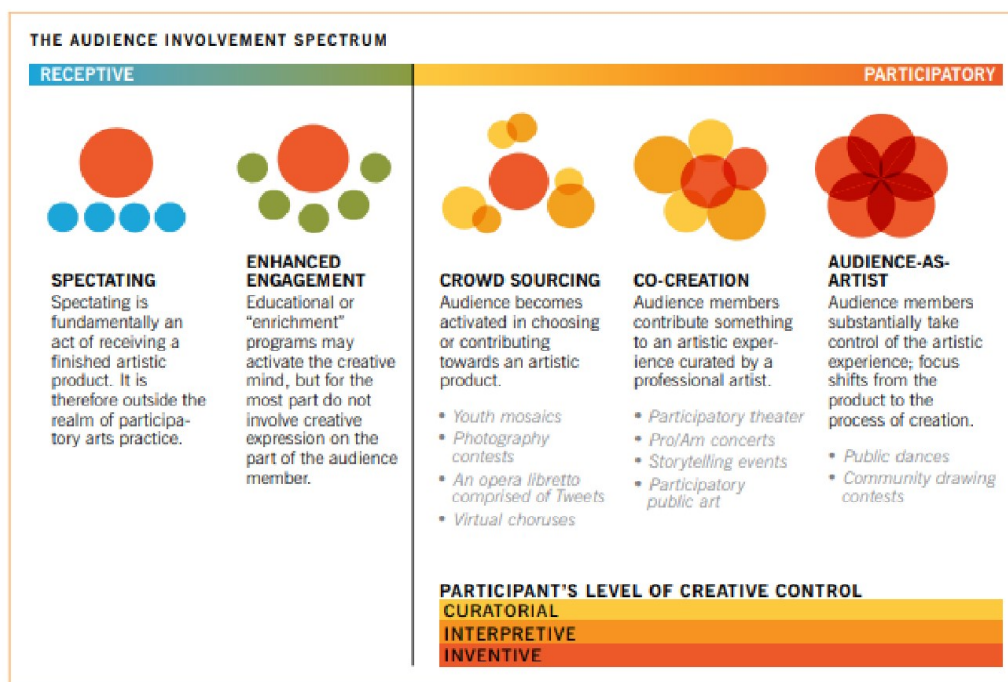
Com isso, o Desenho Universal expande as possibilidades da acessibilidade a não só pessoas com diversidade funcional, e apresenta desde o princípio um projeto que acessibiliza e inclui o indivíduo no ambiente cultural, permitindo-lhe usufruir da experiência de forma integrada. Com isso em mente, o *Entreartes* foi um projeto de evento cultural onde a inclusão foi pensada e trabalhada em todas as etapas de sua realização a fim de explorar as possibilidades da multissensorialidade em uma exposição acessível.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO NA EXPERIÊNCIA ACESSÍVEL

Antes de compreender o papel da mediação na visita acessível é necessário entender qual é o propósito da visita. Afinal, qual o objetivo de uma visita ao museu ou à uma exposição?

Brown e Novak-Leonard (2011) classificam a participação do público com base no nível de envolvimento desse público em programas de arte. Primeiramente, temos dois tipos de público: receptivo e participativo. Enquanto o público receptivo “recebe” um produto finalizado, o público participativo contribui durante a experiência cultural em vários níveis diferentes, criando assim uma vivência personalizada.

Figura 1 - Spectrum de envolvimento do público



Fonte: BROWN; NOVAK-LEONARD, 2014, p. 5

Descrição da imagem: Gráfico em inglês. Ao topo, uma barra que indica o grau de envolvimento do público, indo de receptivo (em azul à extrema esquerda) à participativo (em vermelho à extrema direita). Abaixo há cinco graus de interação com uma breve descrição listada abaixo de cada um. Abaixo dos três tipos classificados como participativo, há uma lista de três níveis de controle criativo sendo: curatorial em amarelo, interpretativo em laranja e inventivo em vermelho.

Um público participativo envolve mais o visitante na exposição, criando uma conexão mais significativa e personalizada, além de criar espaço para diálogo entre o projeto e o público e desmistificar um pouco a divisão entre os dois. Além disso, temos a “experiência da visita”, cujo objetivo pode ser o ensino sobre arte e história ou o “desenvolvimento de capacidades críticas e criativas através da arte e da história” (FERREIRA, 2014, p. 4 apud RICE; YENAWINE, 2002). Posto isso, a direção do presente trabalho se encaixa em uma abordagem participativa do público, cujo objetivo é incitar o pensamento crítico através da criatividade.

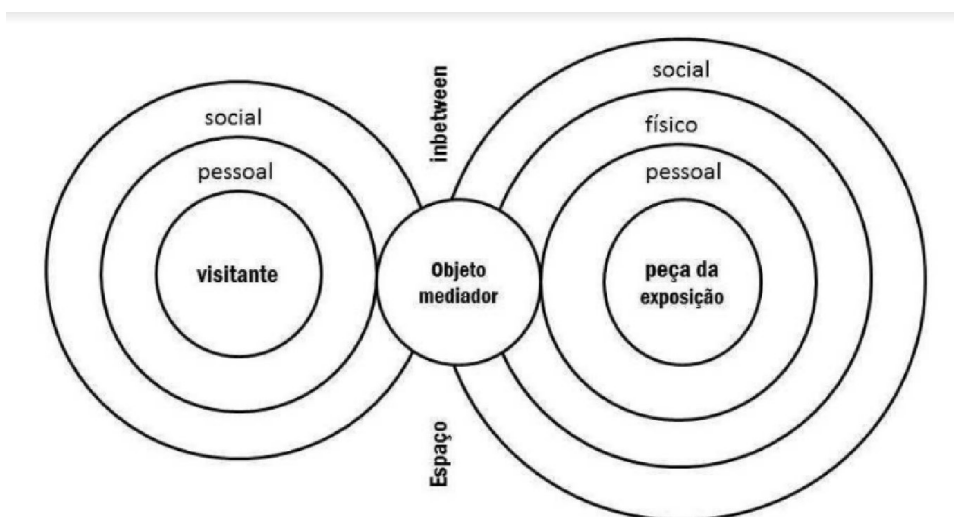
2.2.1 O que é mediação?

Existem inúmeros recursos de acessibilidade sendo explorados no meio cultural. Muitos deles não são conhecidos da maioria da população que não tem contato com diversidade funcional. Além disso, a própria exposição, como foi o caso do *Entreartes*, pode ser composta de dinâmicas diferentes que se deixadas a ser exploradas de forma independente podem passar despercebidas ou não serem

compreendidas dentro do contexto do projeto. Em outras palavras, disponibilizar diversos recursos diferentes ao visitante pode sobrecarregá-lo de informações ou por inúmeros motivos (pressa, distração, confusão, entre outros), o potencial de interação e criação desses recursos pode ser perdido. É nesse cenário que entra o mediador.

Ferreira (2014) define o mediador como um agente transformador. Quando fala sobre “mediador”, a autora se refere a agentes que conectam e aproximam o visitante da exposição com a finalidade de provocar nele um processo de construção de conhecimento.

Figura 2 - Esquema sobre relações entre visitante, objeto mediador e peça da exposição



Fonte: FERREIRA, 2014, p. 7

Audiodescrição: Diagrama. Dois círculos divididos em camadas estão um ao lado do outro. O círculo da esquerda possui um centro e duas camadas. O centro é nominado “visitante”, a camada do meio é chamada “pessoal” e a última camada é a “social”. Ao lado direito temos um círculo de quatro camadas. Seu centro é nominado “peça da exposição”, a segunda camada é relativa ao “pessoal”, seguida da camada “físico” e por último, a camada externa “social”. A terceira esfera, denominada “objeto mediador”, intersecta ambos círculos, se sobrepondo sobre suas camadas ao centro da imagem. O espaço entre os círculos “visitante” e “peça da exposição”, sobre onde o “objeto mediador” se encontra, é chamado “Espaço *inbetween*”.

Ferreira se refere a objetos mediadores para atuar nessa aproximação. Trata-se de “objetos trazidos pelo visitante/participante ou disponibilizados pelo museu que não fazem parte da exposição, mas medeiam a relação do visitante/participante com os artefactos ou temáticas” (2014, p. 6). No contexto do *Entreartes*, os objetos mediadores podem ser vistos como os materiais adicionais utilizados durante as

visitas mediadas em oficinas e demonstrações que juntamente com a equipe de mediação estabelecem esta ponte.

Importante ressaltar que visitas mediadas não são o mesmo que visitas guiadas. Visitas guiadas são as visitas onde o guia (pessoa que trabalha para o museu ou curadoria) fornece dados sobre as obras como nome do artista, ano em que a obra foi finalizada e eventuais referências complementares à história ou contexto da obra. Ou seja, o visitante faz o percurso da exposição obtendo informações acerca dos artistas, obras e o papel de cada um deles dentro daquela produção cultural. Por outro lado, visitas mediadas são agentes transformadores (FERREIRA, 2014) e podem ser trabalhadas como processos educativos através de análise, exploração, desconstrução e mudança através da arte (MÖRSCH, 2016). Em outras palavras, a mediação adiciona elementos de participação por parte do visitante, o tornando o protagonista da visita. Não se trata de um indivíduo, o guia, passando informação para outro, visitante, mas uma construção conjunta de conhecimento entre mediador e visitantes. Em resumo, enquanto as visitas guiadas proporcionam ao público informações sobre a exposição, as visitas mediadas vão um pouco mais além, propondo reflexões sobre os temas e histórias abordadas pela exposição, colocando assim o visitante como construtor do conhecimento.

Em suma, o mediador tem um papel primordial de ponte entre a exposição e o visitante a fim de garantir que ao final essa pessoa possa tirar o máximo da experiência. O trabalho do mediador em exposições que dispõem de recursos diversos ganha novas dimensões uma vez que ele age como guia, auxiliando as pessoas a navegarem por esses recursos. Sendo assim, é lógico assumir que a mediação pode se tornar uma forte aliada da acessibilidade.

2.2.2 Mediação e acessibilidade

Os recursos de acessibilidade são essenciais para a democratização do ambiente cultural. Esses recursos podem fazer parte da obra ou estarem à parte, de forma a trabalhem em conjunto. Porém, para o maior aproveitamento de seu potencial é necessário que todos, obras e recursos, trabalhem em conjunto com uma mediação. Neste contexto, é a mediação que guia o indivíduo na sua experiência

cultural pelas possibilidades que os recursos acessíveis e mediações agregados à exposição podem apresentar.

Um museu que já cultiva há alguns anos a iniciativa da acessibilidade através de uma vivência multissensorial é o Museo Tattile Anteros, em Bologna na Itália. O museu propõe aos visitantes “descobrir o que ver com as mãos e tocar com os olhos significa”, sendo a pessoa cega ou enxergante, “quando a percepção deixa de ser um problema a fim de aprender abertamente sobre a real beleza das coisas” (NEVES, 2012, p. 282, tradução nossa). Logo, uma experiência que normalmente seria tida como somente visual transcende, através das peças táteis, a uma experiência multissensorial. Porém ela não ocorre de forma isolada.

Em um artigo intitulado “*Multi-sensory approaches to (audio) describing the visual arts*”, Josélia Neves (2012) relata a visita de uma jovem cega chamada Elena (nome fictício) ao Museo Tattile Anteros. A visita foi personalizada, ou seja, organizada especialmente para Elena e conduzida pelo curador e um guia do museu legalmente cego. Os três acordaram em focar a visita em uma pintura, “Lamentação sobre o Cristo Morto” (entre 1475 e 1478), de Andrea Mantegna. Sentada a frente da peça de gesso, a jovem passou a mão pelas formas e comentava “Ondas... o mar?... esses são pés?... tem alguém aqui (no canto superior esquerdo)...” (NEVES, 2012, tradução nossa)⁸. Em seguida, suas mãos foram guiadas pela pintura por partes, indicando os diferentes elementos da pintura e foram dadas explicações mais detalhadas sobre tamanhos, formas, cores, texturas e perspectiva da obra. Em um momento, quando passava seus dedos pela figura de uma mulher que se lamentava, Elena foi convidada a reproduzir a pose com seu próprio corpo. À medida que as descrições avançavam, a pintura se tornava mais compreensível e Elena se mostrava mais interessada nos sentimentos que a pintura original provocava. Assim as discussões tomaram um rumo subjetivo e os dedos de Elena não passavam mais pelo gesso.

Há uma progressão na dinâmica da exploração de Elena da peça durante sua visita (Neves, 2012). Primeiramente, palavras foram usadas como um complemento ao toque a fim de dar sentido à peça. Depois, o toque deu corpo às palavras quando seus dedos eram guiados pelas figuras e formas descritas. E, por fim, as palavras

⁸ Do inglês: “waves... the sea?... are these feet? ... there is somebody on the corner here (in the top left hand corner)...” (NEVES, 2012, p. 283).

assumiram o controle quando as mãos de Elena pararam e o debate se tornou o foco.

A visita de Elena ilustra como a presença de um ou mais mediadores modificam o proveito e a experiência cultural, no geral, que alguém possa ter. A mediação auxilia na utilização dos recursos, – no caso, a reprodução em gesso de uma pintura – servindo como um guia através dos diferentes elementos presentes, dando vida àquela peça.

O papel na mediação de forma geral é incitar a reflexão e tornar o que seria uma visita superficial em uma oportunidade para construção de conhecimento. No contexto da acessibilidade, os recursos acessíveis podem ser classificados como objetos mediadores, uma vez que auxiliam na aproximação entre público e obra. Além disso, o mediador ganha dois distintos, porém complementares, papéis: o de incitador de reflexões e o de guia, ajudando as pessoas a navegarem pelos recursos acessíveis. O mediador é chave para uma experiência acessível proveitosa, pois os recursos tornam a informação disponível ao visitante, mas a mediação contextualiza essa informação, ajudando a pessoa a transformá-la em conhecimento. É o mediador que auxilia esse indivíduo a fazer ligações entre o conteúdo ao que essa pessoa teve acesso, o contexto daquela obra na exposição e possíveis implicações ou reflexões que esse indivíduo possa levar para sua vida. Logo, a mediação faz a ponte entre o que a pessoa percebe através dos sentidos e informações sobre o contexto daquela obra e/ou exposição, arquitetando um ambiente cultural frutuoso.

3 ENTREARTES: UMA EXPOSIÇÃO MULTISSENSORIAL E ACESSÍVEL

O *Entreartes* foi um projeto nascido da ideia de explorar novas alternativas e caminhos para a acessibilidade. Tendo como incubadora o grupo de pesquisa e extensão Acesso Livre da Universidade de Brasília, que, desde sua fundação em 2010, tem realizado diversas ações e pesquisas em acessibilidade cultural, especialmente voltadas para a audiodescrição e legenda descritiva como formas de acessibilização de conteúdos audiovisuais e a realização de visitas audiodescritas em exposições de arte, vimos como esses elementos faziam a diferença e ajudavam na democratização do acesso à cultura. Contudo, ainda se tratava de elementos externos às obras e, por consequência, sempre apresentavam diferentes peculiaridades a serem adaptadas, o que muitas vezes resultava em diversas discussões de como seriam feitas essas adaptações da melhor forma possível.

Porém, além de discutir as adaptações, sugestões emergiam quanto a pequenas mudanças nas produções, como elementos que poderiam ser retirados ou colocados e que tornariam a audiodescrição ou demais recursos de acessibilidade mais naturais. Com isso, germinou uma ideia para um projeto que pensasse na acessibilidade desde sua concepção, tratando-a como parte da produção, não só como um elemento posterior. A proposta foi realmente integrar a acessibilidade ao projeto e promover inclusão entre o público que a utiliza e o que não a utiliza.

3.1 PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO

Dois conceitos dão base a todo o projeto: integração e multidisciplinaridade. Quando se fala em acessibilidade pensamos em audiodescrição, legenda, Libras etc. No entanto, a intenção foi ir um pouco além. O que podemos fazer para tornar diferentes obras acessíveis a públicos diferentes com diversidade funcional? Exemplos de questionamento seriam: como tornar uma foto acessível para uma pessoa com deficiência visual sem ser unicamente através da audiodescrição? Como deixar a música acessível a uma pessoa surda?

A proposta do *Entreartes* é proporcionar uma experiência cultural democrática, onde todos possam usufruir do espaço e atividades, bem como apreciar as obras de forma completamente acessível, utilizando-se das próprias obras e elementos integrados à exposição na produção.

3.2 ARTISTAS E OBRAS

Neste contexto inserimos a multissensorialidade. Mesmo sem acesso a um dos sentidos (diversidade sensorial), ainda assim seria possível apreciar as obras com os demais sentidos. Para isso foram pensadas duas estratégias. A primeira consistiria em expor obras que em si já são multissensoriais. Este foi o caso das pinturas texturizadas de John Bramblitt, das cerâmicas de Marta Ruffoni Guedes e das esculturas de Flávio Luis da Silva.

John Bramblitt é um pintor cego estadunidense que utiliza tintas de diferentes texturas, bem como diversas camadas de tinta para construir suas pinturas. Durante a abertura da exposição, no dia 30 de agosto de 2019, Bramblitt comentou como suas pinturas podem ser classificadas também como uma fina escultura em razão de todas as camadas de tinta e da característica tátil de suas obras.

Figura 3 - Quadro “Snuggles”, de John Bramblitt



Fonte: Site do artista⁹.

Audiodescrição: Pintura de óleo sobre tela. Rosto de uma jovem que descansa sua boca sobre a testa de seu gato, como em um aconchego prolongado. O gato tem seus olhos fechados e parece inclinar a cabeça para trás, em direção ao cafuné de sua dona.

As obras da ceramista cega Marta Guedes presentes na exposição consistiam em utilitários feitos em cerâmica e com elementos particulares a seu estilo. As peças

⁹ Disponível em: <https://bramblitt.com/collections/originals/products/snuggles>. Acesso: 21 nov. 2019.

possuíam padrões de desenhos e cores diferentes, assim como diversas texturas impressas no barro, permitindo uma experiência tátil e visual particular.

Figura 4 - Cerâmica “Fruteira”, de Martha Guedes



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Tigela de cerâmica marrom e laterais vazadas em formato de interrogação. Por um semicírculo na frente da tigela é possível distinguir o interior liso e roxo. A base da peça é metade de uma esfera com sua base reta sobre a superfície de madeira a qual a tigela se apoia. A parede ao fundo é de madeira pintada em um tom de azul turquesa vibrante.

Utilizando técnicas de modelagem simples baseadas em formas geométricas, o artista Flávio Luis da Silva cria suas esculturas. Suas obras, assim como a dos demais artistas acima citados, são peças que permitem o manuseio do público em conjunto à história visual que retratam.

Figura 5 - Peça “Aracnofobia”, de Flávio Luis da Silva



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: O quadro retangular é todo pintado em preto, com a textura de tela ainda aparente. Em alto relevo com material liso, o rosto de uma mulher. As sobrancelhas são grossas, os olhos, pequenos, o nariz, longo e fino e a boca grossa, com lábio inferior sobressalente. Os cabelos são compostos de seis fios que saem do canto direito superior de sua cabeça, como uma divisão lateral dos cabelos. Quatro fios parecem voar à esquerda, cobrindo o olho e a sobrancelha. Os dois fios da direita caem sobre a sobrancelha direita. No canto inferior direito uma aranha parece rastejar em direção ao rosto.

Por fim, o quarto artista destaque na exposição, Luciano Ambrósio, é um fotógrafo cego. Ele utiliza seus diferentes sentidos ou ideias do ambiente baseadas em descrições de enxergantes para tirar suas fotos. O resultado é uma fotografia de uma perspectiva inesperada, a de uma pessoa cega. Diferente das outras obras presentes na exposição, as de Ambrósio não permitiam contato a não ser visual. Neste caso, foi feita uma proposta ao artista para pensar uma ampliação de suas obras de maneira a incluir outros sentidos, com base no conceito de sinestesia¹⁰, e ele aceitou o desafio de trabalhar, em colaboração com a equipe, na experimentação

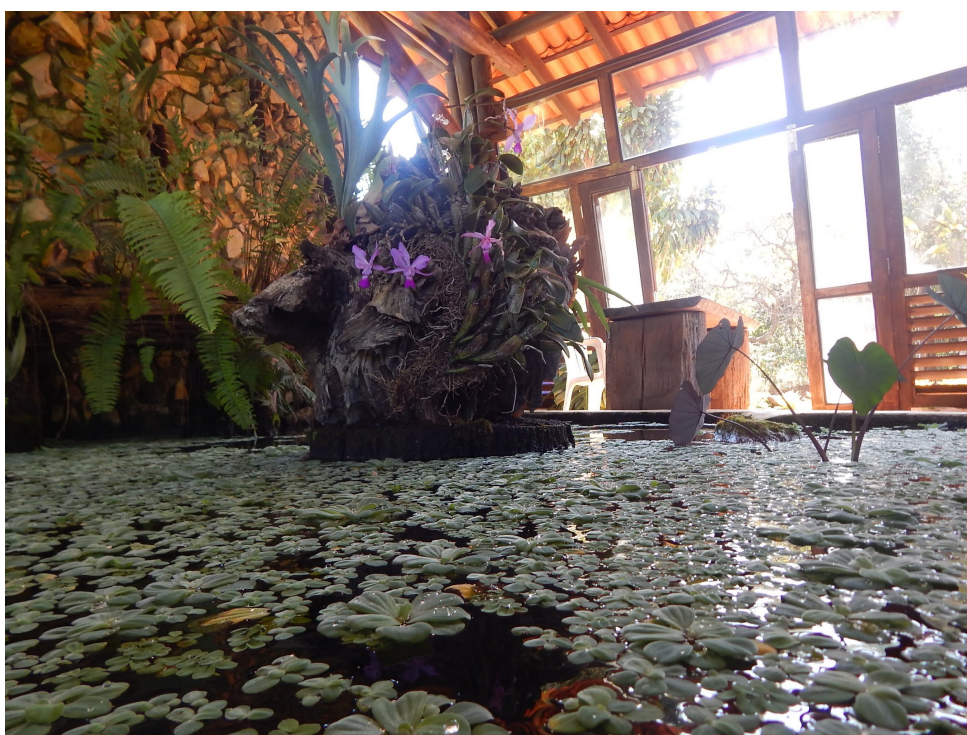
¹⁰ Sinestesia: Relação estabelecida de forma espontânea entre sensações de caráter diferente, na qual um estímulo, além de provocar a sensação habitual e normalmente localizada, origina uma sensação subjetiva de caráter e localização diferentes, como um perfume evocando uma cor, um sabor evocando uma imagem etc. (MICHAELIS, 2019)

com outras linguagens. O resultado foram fotografias sinestésicas acessíveis por outros sentidos além da visão.

A partir de conversas entre o artista e a equipe do Entreates foram pensados objetos que pudessem ser utilizados em conjunto às fotos de forma a transmiti-las através de sentidos diferentes. Em outras palavras, trazer a foto à vida. O resultado foram as fotos impressas e emolduradas nas paredes da galeria e objetos sinestésicos que transmitiam percepções da foto através do olfato, audição e tato, personalizados a cada obra.

Um exemplo de objetos sinestésicos trabalhados em conjunto à obra foi na fotografia “Coração”. Em uma tentativa de transmitir os elementos da foto, foi proposta a experiência do tato sobre componentes principais da imagem (água, flores e folhas) e a experiência pelo olfato através de uma essência natural.

Figura 6 - Foto “Coração”, de Luciano Ambrósio



Fonte: arquivo *Entreates: uma exposição multissensorial*.

Audiodescrição: Espelho d’água interno. Levemente escuro, com focos de luz vindos da porta e parede de vidro ao fundo, à direita do espelho d’água. A água está coberta de folhas verdes caídas, flutuando como vitórias-régias. Ao centro, bem próximo à beirada de concreto, há uma planta robusta, composta de inúmeras folhas verdes longas, algumas se sobressaindo de seu emaranhado. Três flores roxas dão cor ao grande arbusto verde. À direita, duas folhas verdes saem da água. Uma delas tem o formato de coração.

Figura 7 - Objeto sinestésico da foto “Coração”, de Luciano Ambrósio



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Uma travessa retangular com água. Sobre a água, algumas folhas verdes e lisas flutuam junto a três pequenas flores, violeta, amarela e rosa. À frente da travessa, um pequeno pote de vidro com essência em pasta.

3.3 MULTISSENSORIALIDADE NO ENTREARTES

A multissensorialidade foi um conceito transversal durante toda a exposição. O princípio da experiência através de diversos sentidos foi explorada nas obras e nas mediações. Cada artista proporcionou uma experiência multissensorial particular, apesar de todos explorarem ambos os campos visual e tátil.

As pinturas de John Bramblitt, como o próprio pintor comentou durante a exposição, são finas esculturas em tela, pois possuem diferentes texturas que acompanham as cores vibrantes e contrastantes da imagem. Bramblitt mistura suas tintas com materiais diferentes (como areia, farinha, sementes, etc), dando uma textura singular a cada uma. Primeiramente, é delineado a imagem a ser pintada e, seguidamente, as tintas são adicionadas, camada por camada. O resultado é um quadro com distintos relevos e texturas que refletem no tato as misturas de cores e camadas pintadas.

Os utilitários da ceramista Marta Guedes possuíam todos o mesmo tom de barro, porém, além do formato, texturas e cores eram agregadas a cada peça. Os desenhos impressos em suas peças eram marcados também por profundidades diferentes na cerâmica. Por exemplo, ao passar a mão pela peça “Prato com lua” é perceptível o traçado liso da lua levemente mais fundo do que a superfície

texturizada da peça. Além disso, podemos admirar seu design visualmente pelo traço forte em preto, contrastante com o laranja opaco da cerâmica.

Figura 8 - Cerâmica “Prato com lua”, de Marta Guedes



Fonte: arquivo Entreates: uma exposição multissensorial

Audiodescrição: Foto. Prato de cerâmica laranja opaco de superfície texturizada com milhares de pontos. Tomando seu centro, uma lua minguante delineada em preto.

As esculturas de Flávio Luis da Silva são pretas, pois, de acordo com o artista, isso é tudo que vê, preto. Sendo assim, ao neutralizar as cores das obras, naturalmente se foca na forma. Suas peças são estruturadas a partir de formas simples, como círculos, triângulos e quadrados, permitindo a percepção tátil descomplicada e singular de suas peças.

Em contrapartida, as fotos sinestésicas de Luciano Ambrósio se desdobraram em experiências multissensoriais complexas. Cada foto apresentava um conjunto de objetos sinestésicos que proporcionavam experiências singulares a cada foto. As sensações eram variadas, desde o molhado da água que acompanhava a foto “Coração”, até o leve calor da luz do projetor dos que se aproximavam para tocar a instalação de “Ao meu lago”, passando pelo vento que soprava no rostos dos que passavam em frente à “Soledad” (produto do ventilador portátil logo acima da imagem na parede). As fotos são denominadas sinestésicas, pois proporcionam uma

experiência além do visual, permeando tato, olfato e audição, extrapolando a fronteira entre a fotografia e os estímulos não visuais.

Além das obras sinestésicas, foram utilizados objetos mediadores durante as visitas mediadas como recursos de aproximação e interação dos visitantes com a exposição. Esses objetos foram utilizados durante a mediação como parte de atividades de criação pelos visitantes. As atividades objetivavam encorajar o público a uma participação mais ativa e criativa. Particularmente, a atividade desenvolvida com instrumentos (castanholas, ukulelê e ocarina, para citar alguns) mostrou-se interativa, pois resultou não somente em música, mas também na produção de diferentes sons e associações, como as castanholas associadas ao trote de cavalos.

Em resumo, tanto as obras quando as visitas mediadas foram escolhidas e organizadas de forma a exceder os limites das diferentes formas de percepção (visual, auditiva, olfativa e tátil), as entrelaçando em uma experiência dinâmica, desafiando assim as fronteiras dos sentidos.

3.4 MEDIAÇÃO NO ENTREARTES

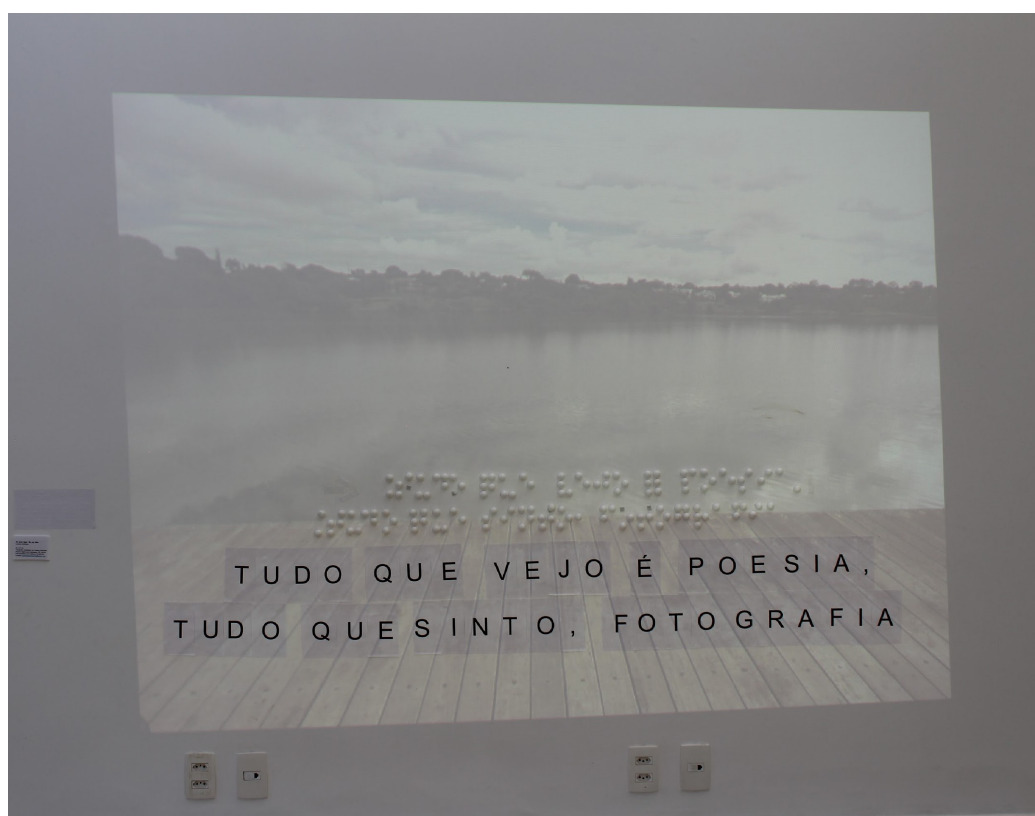
Quando falamos de exposição o que nos vem à mente é algo estático e puramente visual. Um espaço onde passamos por obras, as observamos por alguns instantes e logo seguimos caminho. Esse formato é bem limitante quando pensamos naquilo que essa experiência agregou ao visitante. “Muito pouco” seria a resposta.

As diferenças entre estas visitas “superficiais” e as visitas mediadas são especialmente relevantes para o projeto *Entreartes*, pois a participação do público é essencial para o funcionamento da exposição. A ideia de uma exposição multissensorial não se concretiza se as pessoas não têm a oportunidade de cheirar, ver, tocar, ouvir e sentir da forma que puderem. É preciso que ela se sinta em um espaço em que pode usufruir da exposição por todos esses sentidos que muitas vezes são desencorajados a utilizar nesses ambientes. Estamos acostumados a visitar galerias onde não se toca na obra e temos sempre que estar “atrás da linha” e não muito perto da obra. Tocar nas peças muitas vezes é um sacrilégio, uma permissão concedida raramente, à caráter exclusivo, ao público cego e em momentos de visitas agendadas previamente. É compreensível, pois todas essas medidas são impostas com o objetivo de conservação de acervos valiosos e

insubstituíveis. Contudo, pensamos nas possibilidades que uma experiência cultural mais dinâmica e livre poderia trazer.

Em momentos distintos ao longo do período em que a galeria permaneceu aberta abrigando o Entreates, houve algumas pessoas que abordaram nossa equipe com perguntas e dúvidas. Um caso comum era de adultos e crianças que indagavam sobre o que seriam as bolinhas de isopor na parede, se referindo à instalação com a frase “Tudo que vejo é poesia, tudo que sinto, fotografia”, do fotógrafo cego Luciano Ambrósio, em braille.

Figura 9 - Instalação na galeria com projeção de foto “Ao meu lago”, de Luciano Ambrósio



Fonte: arquivo *Entreates: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Sobre uma parede branca é projetada a foto “Ao meu lago” de Luciano Ambrósio. A foto exibe um deck de madeira com vista para o lago Paranoá. As águas refletem o céu azul cheio de nuvens. Ao fundo, a margem oposta do lago coberta de arbustos e árvores verdes. Sobre o deck de madeira está colada, na parede, a impressão em papel da frase "Tudo que vejo é poesia, tudo que sinto fotografia" em letras pretas sobre fundo branco. Acima da impressão pequenas bolas de isopor coladas na parede representam a mesma frase em braille.

Nessas ocasiões nossa equipe explicava o conceito e razão daquele recurso no ambiente, encorajando todos a tocarem na parede, sentirem o calor da luz do projetor na frente da instalação e/ou apreciarem visualmente a obra. Alguns não acreditavam que poderiam tocar nas peças, mas o fizeram depois de encorajados.

Através da interação com o mediador e a partir da faísca de curiosidade das pessoas se estabelecia uma conexão mais significativa delas com a exposição, dando abertura ao diálogo entre elas e o mediador, criando uma oportunidade de construção de conhecimento e conscientização.

4 VISITAS E VISITANTES

Nesta parte discorreremos sobre as visitas mediadas, interações dos diferentes públicos com a exposição e como esses visitantes respondiam aos recursos multissensoriais e acessíveis baseados em registros e comentários dos próprios visitantes, bem como observações feitas in loco. Essas informações puderam ser obtidas através de três canais: escrito, verbal e visual. Os registros escritos foram feitos pelos próprios visitantes de forma voluntária e espontânea em um caderno que se encontrava ao lado da entrada principal da galeria. As informações obtidas verbalmente foram resultado de discussões e comentários feitos pelos visitantes a membros da equipe de mediação do *Entreartes*. Percebemos que este foi um canal bastante rico, pois os visitantes se mostravam mais à vontade em verbalizar suas opiniões e reflexões por ser esse um meio mais casual de comunicação. E por último, obtivemos fotos e vídeos das mediações, registrando os momentos de reação e interação dos visitantes com a exposição.

Com isso em mente, elaboramos roteiros de mediação que abrangem informações sobre as obras, artistas e objetos mediadores, assim como uma lista de perguntas e propostas de reflexão aos visitantes e atividades de produção artística ao final. O roteiro era uma forma de guia para auxiliar a equipe de mediação a fomentar um espaço de reflexão e interação frutífero.

Dois elementos que se mostraram chave para o melhor aproveitamento das visitas foram língua e linguagem. Ao longo do mês de setembro tivemos várias visitas mediadas para grupos de faixas etária, níveis de educação e capacidades funcionais distintos. Dessa forma, o roteiro de mediação de cada uma dessas visitas deveria ser adaptado a cada grupo. Isso porque a língua utilizada pelo grupo, o nível de linguagem e os aspectos da acessibilidade que deveriam ser destacados seriam escolhidos em função do contexto.

Os mediadores primeiro teriam um momento de conversa com os visitantes, explicando um pouco sobre o projeto e a proposta da visita mediada. A partir daí, a cada artista nós teríamos uma conversa sobre sua história e suas obras, seguida de um momento de exploração livre onde todos foram convidados a tocar, ver, ouvir e sentir as obras da forma que tiverem vontade. Depois de passar por todos os artistas, chega o momento de produção em que os visitantes, munidos de reflexões

sobre as várias possibilidades das artes não limitadas a um sentido, se tornam artistas através de atividades diversas.

Ao longo do mês de setembro, a equipe do *Entreartes* realizou as seguintes visitas mediadas: para um grupo de adultos com cegueira e baixa visão da Biblioteca Pública Braille Dorina Nowill, um grupo de crianças e outro de adultos e idosos do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), um grupo de jovens e adultos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), um grupo de crianças e adolescentes do Centro Olímpico e Paralímpico do Gama, um grupo de adultos do Instituto Federal de Brasília (Turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA) e duas turmas de crianças da Escola Céu de Brasília.

A seguir, será feito um relato de três dessas visitas que receberam uma especial atenção para fins desta pesquisa.

4.1 ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES AUDITIVOS DO DISTRITO FEDERAL (APADA/DF)

No dia 20 de setembro de 2019 tivemos a oportunidade de fazer uma visita mediada com um grupo de 15 jovens e adultos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Distrito Federal (APADA/DF). No grupo havia maioria de pessoas com surdez, poucos ouvintes e alguns surdocegos. Os indivíduos surdos possuíam graus diferentes de percepção de audição. Alguns tinham audição remanescente e identificavam sons mais altos e graves, outros sentiam alguns ruídos e os demais não possuíam nenhuma percepção auditiva. Por outro lado, havia dois surdocegos que possuíam visão remanescente, mas nenhuma percepção auditiva. Esse cenário nos propôs uma oportunidade de explorar todos os recursos preparados para a exposição e obter possíveis interações entre pessoas de perspectivas diferentes. Isso porque as reflexões construídas pelos visitantes se baseiam nas experiências que tiveram ao longo da vida em conjunto com as experiências que têm na exposição.

4.1.1 Como a mediação foi estruturada?

A primeira decisão tomada para esta visita mediada foi a língua a ser utilizada: Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Visto que o estabelecimento de uma comunicação dinâmica entre mediadores e visitantes é essencial para uma visita mediada produtiva, é de suma importância que o diálogo estabelecido entre todos seja o mais próximo possível. A utilização de intérprete não é algo ruim, contudo, visitas mediadas diretamente na primeira língua do visitante influenciam no quanto aquele indivíduo participará das discussões. Em um artigo que relata sobre sua experiência com mediação em museus em Libras, Lucena, Mussi e Leyton (2008) descrevem como o processo longo de tradução durante visitas resultava em uma comunicação intensa entre os visitantes surdos, mas nenhuma dessas discussões chegava ao “educador-artista”, pessoa responsável pela mediação. Nesse caso, não se conseguiu estabelecer um diálogo, e este é um cenário que buscamos evitar.

Podemos separar a visita em três momentos: antes, durante e depois. O momento “antes” se trata da recepção do grupo no espaço da galeria e uma conversa de introdução. Durante essa conversa de introdução explicamos um pouco sobre o projeto, a proposta e fazemos perguntas ao grupo para “quebrar o gelo”. Esse momento é importante para estabelecer um canal comunicação entre mediadores e público e mostrar desde o início que a visita é interativa e dinâmica, dessa forma, eles também constroem a visita.

O segundo momento, “durante”, se refere ao trajeto do grupo pela exposição. A cada artista, paramos na frente de suas obras e perguntamos superficialmente sobre suas percepções das obras. Em seguida, explicamos sobre a história desse, um pouco sobre suas técnicas e histórias por trás das obras. Propomos, então, reflexões sobre arte, acessibilidade e os conceitos de cada um sobre o que seria ou não uma limitação, convidando o grupo a explorar as obras através do tato, cheiro e visão. Essa foi uma ocasião de exploração livre dos visitantes, na qual mais obtivemos discussões ativas. Isso porque eles pareciam mais à vontade quando deixados a explorar sozinhos e conversar entre si.

Por fim, o “depois” se trata do momento em que os visitantes se tornam os artistas. Por se tratar de um grupo relativamente grande, separamos duas “estações” de produção artística. A mesa de *tsurus* era coordenada por uma participante da

equipe do *Entreartes* que ensinava como fazer um *tsuru*, pássaro tradicional de origami. Os *tsurus* estavam presentes em uma das obras da exposição, em uma das fotos sinestésicas de Luciano Ambrósio, representando o pássaro de sua foto. Em alternativa, a mesa da argila foi deixada à criatividade dos visitantes, com monitores acompanhando para tirar dúvidas e auxiliar no que fosse necessário. Os resultados foram os mais diversos, com diversas técnicas usadas. De forma geral, o origami e o trabalho com a argila são formas de arte bastante manuais, podendo ser apreciadas tanto pela visão quanto pelo tato. Isso foi importante, pois permitiu que todos participassem juntos: ouvintes, cegos e surdocegos.

Figura 10 - Foto de peças feitas por alguns dos visitantes da APADA DF durante visita mediada



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Sobre uma mesa no espaço da galeria há quadrados de MDF que servem de base para algumas esculturas de argila. À esquerda há uma pequena construção feita de três retângulos grossos de argila, duas laterais e um teto, formando um abrigo. Ao centro há um boneco deitado com seus joelhos dobrados e pés no chão. À direita, uma boneca de corpo redondo, sem braços. Parece vestir uma saia até o chão com duas linhas em zigue-zag. Seu rosto possui somente o nariz e seus cabelos possuem volume. A mesa, atrás dos bonecos há potes com água e outras duas peças de argila simples. Ao fundo, a galeria com as pinturas de John Bramblitt na parede e peças de Marta Guedes em uma mesa ao lado.

4.1.2 Interação do grupo

De início, os visitantes chegaram perto das pinturas de John Bramblitt, primeiro artista que trabalhamos com o grupo, mas somente observavam de perto. Quando os convidamos a tocar nas obras alguns pareciam receosos com o convite.

A reação é compreensível quando vemos o histórico que temos sobre a arte ser algo a ser apreciado à distância, somente olhado. Uma vez que essa barreira foi quebrada e que os visitantes se mostraram mais à vontade e confiantes em interagir com as obras foi visível uma mudança na atmosfera da galeria. A cada artista que passamos, as discussões entre as pessoas se tornavam mais animadas, os sorrisos mais comuns e as interações com as obras mais confiantes.

Uma obra que causou especial aglomeração em volta foi a peça “Moicano”, de Flávio Luis da Silva. Trata-se da cabeça de um rapaz cujos cabelos estão estilizados como moicano. Os visitantes se colocavam na frente da escultura, fechavam os olhos e passavam as mãos pela cabeça, tentando imaginar que parte do rosto tocavam. De início somente alguns tentavam essa dinâmica, mas logo chamavam os outros a participarem e, ao final, todos estavam participando. Durante esse momento, muitas perguntas surgiram e discussões sobre como o artista, sendo cego, obteve conhecimentos sobre anatomia humana, como a reproduzia e temáticas cercanas ao assunto a floraram.

Figura 11 - Escultura “Moicano” de Flávio Luis da Silva



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Escultura da cabeça de um rapaz de traços exagerados. Seu rosto é longo, de bochechas altas e proeminentes. Os olhos são pequenos quando comparados ao longo e largo nariz, bem como a boca entreaberta de lábios carnudos. As orelhas são grandes na lateral do rosto. Uma franja composta de fios grossos cobre a testa até as sobrancelhas. No topo da cabeça os fios de cabelo vindo das laterais se encontram, formando um moicano curto.

Outra parte da exposição que chamou bastante a atenção do grupo foram as fotos do Luciano Ambrósio. O fato de se tratar de um fotógrafo cego em si chamava a atenção, logo, a primeira pergunta que todos faziam era: como um cego fotografa sem ver? A essa pergunta respondemos um breve sumário sobre seu processo criativo e sobre como ele utilizava outros sentidos para perceber o ambiente à sua volta e tirar as fotos. Os convidamos a ver o vídeo, com janela de Libras, sobre esse processo pelo próprio Ambrósio, produzido pela equipe do *Entreartes* e disponibilizado nos tablets da galeria. Também indicamos a presença de um laptop com fone disponível na frente da foto “Dum dum dum dum”, que transporta o visitante ao momento em que a foto foi tirada, quando Luciano explora a textura e sonoridade das vigas de metal que fotografou. Um desdobramento interessante foi que um dos visitantes que tinha audição parcial se prontificou a ouvir o áudio e interpretou o que ouvia a seus demais colegas. A situação ilustra a cooperação do grupo na criação de conhecimento através da experiência cultural.

Durante as atividades de produção, as conversas abordaram assuntos mais descontraídos. Foi um momento no qual os visitantes compartilharam experiências passadas de produção artística própria, a importância da arte em suas vidas e como poderiam levar isso para sua vida futura. Alguns que nunca haviam tentado trabalhar com argila ou feito origami demonstraram interesse em praticar em casa e, assim, agregar um novo *hobby*. Esses comentários solidificaram como realidade a nossa intenção de prover um momento de reflexão e criação artística que os visitantes levassem para casa.

4.1.3 O que podemos tirar desta visita?

A partir das observações feitas durante a visita mediada do grupo da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Distrito Federal, podemos sugerir alguns pontos relevantes que fizeram muita diferença no resultado da visita. Primeiramente, a língua que se utiliza em uma mediação é de extrema importância, pois refletiu diretamente em como o grupo interagiu com os mediadores e com a exposição. A comunicação fluiu mais natural e dinamicamente, bem como grau de

engajamento em discussões se mostrou amplo quando utilizamos a primeira língua da grande maioria do grupo. Um segundo ponto que se mostrou claro foi como a exploração independente dos visitantes abria espaço para o diálogo mais descontraído entre colegas, ao mesmo tempo que podiam interagir com os mediadores para reflexões e dúvidas.

4.2 CENTRO DE ENSINO ESPECIAL DE DEFICIENTES VISUAIS (CEEDV)

No dia 27 de setembro de 2019, pela tarde, a equipe do *Entreartes* recebeu um grupo de crianças cegas, juntamente de seus acompanhantes. Alguns acompanhantes eram pais e, outros, professores. As crianças, entre 6 e 8 anos, eram alunas do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV). O CEEDV é uma instituição do Distrito Federal que foca em proporcionar para crianças, jovens e adultos cegos, surdocegos e com baixa visão, “o suporte e o conhecimento necessários para ser incluído ou fortalecer o processo de inclusão na rede regular de ensino ou a inserção no mundo do trabalho” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 16).

O CEEDV já possui um histórico de engajamento na cultura, arte e inclusão. Alguns dos artistas da própria exposição haviam sido alunos do centro. Em entrevista concedida à equipe do *Entreartes*, a ceramista Marta Guedes explica que seu amor pelo barro e pela arte de fazer utilitários de cerâmica nasceu de uma oficina de cerâmica que teve através do CEEDV. O escultor Flávio Luis também expressou, em vídeo produzido para a exposição, como seu relacionamento com a escultura surgiu a partir de uma oficina de escultura, também organizada pelo CEEDV. Ambos contam que as oficinas de arte manual tinham o objetivo de apurar o tato para o aprendizado de outras habilidades necessárias à pessoa com deficiência visual, como a leitura em braille. Essas iniciativas do CEEDV mostram como o mundo das artes pode contribuir para todos de formas diferentes, o que proporcionou uma base sólida para discussões e reflexões no espaço da galeria.

Contudo, a experiência de visita, interação e produção ainda era algo novo às crianças. Algumas já haviam ido a exposições, mas nunca a uma onde pudessem sentir as obras. Tendo isso em mente, objetivamos organizar um ambiente de compartilhamento e interação entre pais, professores, crianças e mediadores.

4.2.1 Como a mediação foi estruturada?

Ao tratar com um público infantil, o vocabulário e tipo de linguagem a ser utilizado tem que ser levado em conta. Tratamos na exposição de temas como acessibilidade, deficiência e arte. Esses são temas que facilmente podem se desdobrar em discussões complexas. Porém, não é por serem crianças que elas não possam refletir e dar opiniões sobre essas temáticas, mas farão isso à sua maneira.

Outro aspecto levado em conta durante a estruturação da visita mediada foi a representatividade. “Nada sobre nós sem nós” é um lema da campanha de inclusão das pessoas com diversidade funcional e enfatiza a necessidade de representação em projetos que visam sua comunidade. Sendo assim, uma dos mediadores foi uma jovem da equipe *Entreartes* que é cega e, assim como aquelas crianças, havia estudado no CEEDV. Isso de início já estabelece um vínculo de familiaridade entre os visitantes e a equipe de mediação. Por consequência, tivemos uma base mais sólida para estabelecer uma comunicação natural e dinâmica entre esses dois grupos.

Após recepcionar as crianças, as sentamos nos degraus da galeria, de frente para os dois mediadores. Antes de dar início às atividades, os mediadores perguntaram o nome e a idade das crianças como uma pequena dinâmica para que se soltassem e sentissem o espaço ao redor.

Separamos a visita em três momentos: história, experiência e produção. Diferente de visitas com jovens e adultos, visitas com crianças precisam ser mais simplificadas em sua organização e o tempo de fala do mediador limitado para melhor aproveitamento da visita.

O primeiro momento, a “história”, foi formulado como uma contação de história. Os mediadores se alternavam narrando a trajetória dos artistas como se cada uma fosse um livro infantil diferente. Eles usavam tom de voz, volume e entonação para dar vida aos relatos e engajar o máximo as crianças. Neste caso, deu-se menos ênfase ao projeto e foi feita uma apresentação dos artistas e de sua relação com a cegueira e as artes. Sabendo da importância motivacional da representatividade, a questão da cegueira como um modo de existência e não como uma limitação foi especialmente abordada.

O segundo momento, de “experiência”, foi deixado livre para que as crianças, acompanhadas dos adultos, explorassem com seus sentidos as obras e objetos mediadores pensados especialmente para o grupo, como caixas sensoriais e instrumentos musicais – sabendo da participação de crianças com autismo que gostam de música, foram introduzidas castanholas e um violão para mediar a interpretação de algumas das obras.

Por último, as crianças foram convidadas a duas atividades de produção artística: pintura e escultura com barro. Ambas atividades foram baseadas nos *workshops* dados pelos artistas da exposição. Na atividade de pintura, cada criança recebia uma folha A3 com o desenho de uma flor previamente feita por John Bramblit em tinta de relevo, que dava um delineado possível de perceber através do tato. Então, elas recebiam um prato com tintas de cinco cores diferentes (amarelo, vermelho, azul, branco e preto), cada uma misturada com um material (alpiste, areia e farinha) para obter uma textura específica. A atividade com argila foi organizada sem muitas instruções. As crianças eram encorajadas a transformar o barro no que quisessem e no que pudessem imaginar. O resultado foi bonecos, animais e objetos diversos em argila confeccionado pelas crianças com a ajuda de seus acompanhantes e dos membros do *Entreartes*.

Figura 12 - Foto de aluna do CEEDV com suas esculturas de argila



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Foto. Criança se senta em frente a uma mesa coberta em plástico, suas mãos cobertas de argila tocam suas esculturas. Sobre a mesa, um quadrado de MDF que serve de base para as esculturas de argila. À esquerda, um boneco deitado, ao centro, uma xícara e à direita, um pedaço de argila. Sobre a mesa, em frente ao MDF, dois potes com água .

4.2.2 Interação do grupo

Desde o início, muitos pareceram estar entusiasmados com a visita. As crianças se mostravam sorridentes e atentas. Uma vez sentadas, participaram constantemente com comentários e perguntas durante a “contação de histórias”. Esse foi um momento crucial, pois muitas comunicaram nunca ter ouvido falar de artistas cegos e se emocionam em poder tocar em suas obras e perceber as possibilidades que aquilo trazia. O fato de todos os artistas da exposição serem cegos abriu a mente das crianças a um mundo de possibilidades e criação onde não há limites aos sentidos.

No momento de exploração, a galeria se transformou em um burburinho de conversas e interação com as obras, indicando que a experiência estava gerando muita participação. As crianças tocavam as obras e conversavam com seus acompanhantes, perguntavam sobre o que tocavam ou comentavam sobre o que sentiam. A equipe de mediação estava espalhada pelo espaço e sempre ao alcance para esclarecer dúvidas, instigar reflexões e auxiliar a navegação dos visitantes pela galeria.

Figura 13 - Foto de aluna do CEEDV interagindo com obra



Fonte: arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Foto. Uma mulher jovem e de cabelos curtos, em pé, de frente à obra “Aracnofobia”, de Flávio Luis da Silva, segura uma menina no colo. A menina de tranças e casaco azul toca a peça à altura do nariz. A peça de Flávio Luis está apoiada sobre um cavalete.

O encerramento foi um momento esperado por todos, não por indicar o fim da experiência, mas por ser o estágio de produção, onde teriam a oportunidade de se colocar no lugar dos artistas e tentar produzir algo. O resultado foram desenhos e esculturas das mais variadas. Contudo, percebemos que, para elas, o produto final da aventura artística não era o mais importante. Muitas crianças expressaram o quão bom era sentir o barro nas mãos, ou a tinta entre os dedos, a textura no papel. O que iriam levar para casa seria a experiência. Algumas crianças, inclusive, expressaram interesse em levar as novas habilidades aprendidas para casa e praticar. Para nós, esse foi um momento em que vimos um ciclo recomeçando: da mesma forma como Marta e Flávio haviam se inspirado e iniciado suas carreiras artísticas a partir de uma oficina, crianças saíram da visita expressando o mesmo almejo.

4.2.3 O que podemos tirar desta visita?

‘Representação’ é uma palavra chave quando falamos sobre pessoas com diversidade funcional. Quando tratamos de arte, a representatividade pode mostrar um mundo de possibilidades que nem se imaginava possível. Sentindo as obras de artistas cegos em diferentes campos das artes muitas crianças perceberam o potencial que têm e como sua diversidade funcional não as limita. Por outro lado, a arte não é limitada ao produto final para essas crianças, e pode servir de veículo para aprenderem diferentes habilidades e conhecimentos para o futuro.

4.3 INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB)

No último dia de exposição, logo antes do encerramento do projeto, recebemos um grupo pequeno de jovens e adultos, sem deficiência, alunos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) no Instituto Federal de Brasília. O envolvimento do grupo ao *Entreartes* se atrelava a uma disciplina por eles cursada no instituto ligada a aspectos mais metodológicos de projetos artísticos. Sendo assim, o *Entreartes* era uma experiência pedagógica além de cultural e um momento de vivência.

4.3.1 Como a mediação foi estruturada?

Diferente das demais, os momentos de fala dos mediadores se moldava a partir das perguntas do grupo. Em outras palavras, ao invés de ter um momento longo de explicação sobre o projeto e o artista, optamos por fazer uma introdução ao projeto mais breve. Similar à visita mediada para o grupo da APADA, a visita foi segmentada por artista. Mas, ao invés de elaboradas explicações, o mediador apresentava uma breve biografia do artista e abria espaço para a exploração e perguntas dos visitantes. Ao invés de dar toda informação de uma vez, essa abordagem permite que os conhecimentos sejam adquiridos aos poucos. Isso porque alguns aspectos das obras e artistas naturalmente geram confusão e curiosidade sobre as pessoas, principalmente as que desconhecem sobre os processos criativos de artistas cegos.

Neste caso, o momento de produção artística girou em torno de duas possibilidades: a criação de *tsurus* e composições de desenhos em giz de cera com materiais de texturas e cores diferentes, como lã, sisal, canudos e purpurina.

Figura 14 - Foto de jovens do PROEJA do IFB confeccionando desenhos e colagens



Fonte: Arquivo *Entreartes: uma exposição multissensorial*

Audiodescrição: Foto. Quatro jovens sentam ao redor de uma mesa, cada um com um desenho em giz de cera. Eles colam lãs e barbantes em seus papéis. Uma moça, em pé ao lado, os observa. Sobre a mesa, diversos materiais, como novelo de lã, barbante, colas, tesoura, canudos, pequenos bonecos de balão, areia e fibra para enchimento.

4.3.2 Interação do grupo

Talvez devido ao seu volume este foi um grupo de interação mais tímida. No primeiro artista explorado, John Bramblitt, os visitantes chegavam perto, mas não tocavam nas pinturas. Quando encorajados a encostar nas obras alguns não o fizeram por receio, mas à medida que outros colegas e os próprios mediadores tateavam as obras, se sentiram confortáveis em fazê-lo. Foi perceptível a mudança entre encorajar os visitantes a tocar as pinturas e eles verem os mediadores tocando nas pinturas. A situação é compreensível pelo mesmo motivo que alguns jovens da APADA também se mostraram receosos em tocar nas peças, em razão da cultura de não tocar que temos na maioria dos museus. Ao final todos se sentiam confiantes o suficiente para interagir com as demais peças.

Em termos gerais, as interações verbais entre o grupo e a mediação se estabeleceram em uma rotina de perguntas e respostas que focava no mediador como fornecedor de informações acerca da exposição. O grupo comentou que os aspectos envolvidos na exposição eram conceitos novos apresentados e respondeu positivamente à experiência. Logo, apesar de não ter ocorrido um diálogo tão balanceado entre os visitantes, devido à predominância dada ao discurso da mediação, ainda assim foi um momento de construção de conhecimento para o grupo.

4.3.3 O que podemos tirar desta visita?

Alguns grupos podem ser mais tímidos que outros para interagir tanto com as obras quanto uns com os outros. Nesta situação, o mediador tem o papel de criar um espaço de construção de conhecimento e intermediar os “espaços vazios”, podendo se inserir no ambiente cultural junto ao visitante a fim de oportunizar uma aproximação entre visitante e obra. Além disso, mesmo abordando temas não cotidianos àquele grupo, como acessibilidade e diversidade funcional, a experiência multissensorial se mostrou significativa, despertando interesse ao assunto por parte dos visitantes e ambientando um momento de conscientização.

4.4 INTERAÇÕES COM PÚBLICO FORA DA MEDIAÇÃO

A curiosidade é uma ferramenta útil na construção de novos conhecimentos. Em todas as ocasiões em que a equipe do *Entreartes* estava presente no ambiente da galeria, facilmente identificável pela camiseta do grupo de pesquisa Acesso Livre, crianças, jovens e adultos de diversas idades nos aproximavam com dúvidas. As perguntas variavam entre informações básicas como nome dos artistas, do grupo que organizava a exposição (no caso o Acesso Livre e seus parceiros), objetivo da exposição, entre outros. Com isso, uma pergunta levava a outra pergunta, que se estendia a conversas sobre acessibilidade, inclusão e artistas com diversidade funcional. Ou seja, as pessoas nos abordavam a fim de resolver uma dúvida superficial e no caminho da explicação, conheciam um pouco mais não só sobre os artistas e obras ali expostas, mas também sobre acessibilidade e a importância dela no meio cultural, criando um diálogo mais significativo e deixando uma impressão mais duradoura no indivíduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A acessibilidade no meio cultural está aos poucos ganhando espaço e recursos. A diversidade funcional se tornou uma pauta em alguns espaços culturais pelo mundo. A nível nacional e internacional, museus se mostram abertos a abraçar a causa e investem em iniciativas que promovem um ambiente cultural receptivo e preparado a todos os públicos. Alguns recursos são projetados com o objetivo de tornar o conteúdo acessível, como sessões de cinema com audiodescrição e legenda descritiva, audioguias com descrições detalhadas das obras e versões táteis de peças. Outras instituições vão além, procurando incluir a pessoa com diversidade funcional no ambiente cultural através de eventos inclusivos e visitas voltadas a este público.

Neste trabalho relatamos um pouco da experiência do projeto *Entreartes: uma exposição multissensorial* em pensar desde o início uma exposição acessível através da multissensorialidade, bem como a execução de visitas mediadas para grupos diversos a fim de oportunizar momentos de reflexão mais significativos. Utilizar as próprias obras como forma de tornar acessível quando possível, como no caso das obras do John Bramblitt, Marta Guedes e Flávio Luis da Silva, permitindo o toque e interação pelo público, mantém a subjetividade da interpretação da arte nas mãos do visitante. Além disso, a proposta transforma uma experiência que seria meramente visual em multissensorial, tornando-a mais interativa. Por outro lado, é possível desenvolver objetos sinestésicos e mediadores que, trabalhados em conjunto com a obra, proporcionam uma vivência acessível e igualmente interativa e multissensorial.

De forma geral, as visitas começavam com um público mais tímido, sem muitos comentários ou *feedback*, mas, a partir do momento em que o visitante era convidado a tocar, sentir, cheirar e experienciar de várias formas a exposição, era visível sua mudança de postura. Logo, o grupo começava a ganhar vida, com discussões acaloradas entre eles mesmos, piadas e sorrisos, bem como interações com as obras e objetos mediadores. Por fim, a interação entre visitantes e obras proporciona um engajamento grande das pessoas em uma relação mais dinâmica de construção de conhecimento no meio artístico.

As visitas mediadas destacam a importância de se levar em conta o público ao elaborar um roteiro de mediação. A visita em Libras foi fundamental para o

estabelecimento de um diálogo fluido e dinâmico entre mediação e os visitantes da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Distrito Federal (APADA DF). A visita das crianças do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV) mostrou como a representatividade na arte, principalmente quando falando sobre acessibilidade, pode envolver mais o visitante na proposta do projeto e trazer um nível de familiaridade à discussão. Por último, a visita e as interações do público sem deficiência indicaram como a acessibilidade nas artes de forma integrada, assim como a visibilidade de artistas com diversidade funcional, podem ser incitadores de discussões sobre os limites da arte, a acessibilidade e a inclusão, se transformando assim em ferramentas de conscientização.

Os vários recursos e metodologias utilizados pelo Entreates não se limitam a este projeto. As abordagens apresentadas podem ser adaptadas e aderidas a diferentes eventos culturais a fim de explorar a acessibilidade. A proposição de oficinas complementares, assim como informações complementares acessíveis, como os vídeos sobre os artistas com audiodescrições, legendas, janelas de Libras, proporcionam uma oportunidade acessível à todos de maior engajamento com o projeto antes ou depois da visita. Além disso, foi significativo a presença de uma equipe de mediação habilitada a atender o público surdo diretamente em Libras, bem como capacitada quanto às informações pertinentes à exposição, qualificada a tirar dúvida e incitar questionamentos. Contudo, acima de todas iniciativas individuais, foi de suma importância a comunicação entre os artistas, curadoria e equipe responsável pela acessibilidade desde o início do projeto para definição de abordagens acessíveis para um resultado mais natural e proveitoso.

O *Entreates* foi um projeto de exploração cujo propósito foi testar possibilidades que os objetos mediadores e a multissensorialidade podem trazer. Esses recursos se mostraram instrumentos de interação, integração e conscientização. A acessibilidade no meio cultural é um campo de muitas possibilidades e iniciativas. Esperamos que o presente trabalho contribua para o crescimento da área de pesquisa e ajude a ilustrar diferentes soluções, bem como trazer atenção ao tema e incentivar novas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/pfdc/institucional/grupos-de-trabalho/inclusao-pessoas-deficiencia/atuacao/legislacao/docs/norma-abnt-NBR-9050.pdf/view>. Acesso em: 15 nov. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 nov. 2019.

_____. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 dez. 2004. Seção 1, p. 5.

_____. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Seção 1, p. 3.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Seção 1, p. 2.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abril 2002. Seção 1, p. 23.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Seção 1, p. 2.

_____. Portaria SEDH nº 2.344, de 3 de novembro de 2010. O Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, no uso de suas atribuições legais, faz publicar a Resolução nº 01, de 15 de outubro de 2010, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência - CONADE,

que altera dispositivos da Resolução nº 35, de 6 de julho de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 nov. 2010. Seção 1, p. 4.

BROWN, Alan S.; NOVAK-LEONARD, Jennifer L. **Getting in on the act: how art groups are creating opportunities for active participation**. San Francisco: The James Irvine Foundation, 2011.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **Saiba mais sobre o programa**. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/ccbb-educativo-novembro-15/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice. **Acessibilidade a Museus**. Brasília: MinC/Instituto Brasileiro de Museus, 2012. (Cadernos Museológicos, volume 2)

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

DIAS, Sofia Soares. **Desenvolvimento de aplicações móveis acessíveis: análise da plataforma thinkable x**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto político pedagógico: centro de ensino especial de deficientes visuais - CEEDV**. Brasília: Secretaria de Estado de Educação, 2018. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/PPP-CEEDV-CRE-PP-17set18.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

FERREIRA, Inês. **Objetos mediadores em museus**. MIDAS [online], 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/676>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LUCENA, Cibele; MUSSI, Joana Zatz; LEYTON, Daina. O projeto “Aprender para Ensinar” e a mediação em museus por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). In: MASSARANI, Luisa. **Workshop sul-americano e escola de mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008. p. 89-98. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/WorkshopSulAmericano.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

MÖRSCH, Carmen. Numa encruzilhada de quatro discursos Mediação e educação na documenta 12: entre afirmação, reprodução, desconstrução e transformação. **Revista Periódico Permanente**, número 6, fev. 2016. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/numa-encruzilhada-de-quatro-discursos-1-mediacao-e-educacao-na-documenta-12-entre-afirmacao-reproducao-desconstrucao-e-transformacao-2>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MUSEO TIFLOLÓGICO DE LA ONCE. **La colección**. Disponível em: <http://museo.once.es/home.cfm?id=5&nivel=1>. Acesso em: 17 nov. 2019.

NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S. (Org.). **Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016

NEVES, Josélia. Multi-sensory approaches to (audio) describing the visual arts. In: AGOST, Rosa; ORERO, Pilar; Giovanni, Elena di. **Multidisciplinarity in Audiovisual Translation/Multidisciplinarietat en traducció audiovisual**. Monografías de Traducción e Interpretación (MontI), 2012. p. 277-293. Disponível em: <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/monti/issue/view/109/showToc>. Acesso em: 15 nov. 2019.

NEVES, Josélia. **Vozes que se vêem**: guia de legendagem para surdos. Leiria, Portugal: Instituto Politécnico de Leiria, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/1589629/Vozes_que_se_v%C3%AAem_guia_de_legendagem_para_surdos. Acesso em: 15 nov. 2015.

ROMAÑACH, J; LOBATO, M. **Diversidad funcional, nuevo término para la lucha por la dignidad en la diversidad del ser humano**. Foro de Vida Independiente. 2005. Disponível em: <http://forovidaindependiente.org/diversidad-funcional-nuevo-termino-para-la-lucha-por-la-dignidad-en-la-diversidad-del-ser-humano/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SINESTESIA. In: In: **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwX9Z>. Acesso em 25 nov. 2019.